

Política e Liberdade em Hannah Arendt¹:
Ou sobre outras/novas formas de sociabilidade

*Politics and Freedom in Hannah Arendt:
Or about other/ new forms of sociability*

Sara de Sousa Moura²

Vicente Thiago Freire Brazil³

RESUMO: O propósito desta pesquisa é o exame de alguns aspectos da filosofia de Hannah Arendt como contribuinte para o pensamento político contemporâneo, tendo em vista as crises enfrentadas pelas sociedades e a necessidade de se pensar uma ação pública pela ótica de Arendt, principalmente na área da mobilização dos indivíduos. Para isso se fez necessário, o estudo de suas principais obras: *A condição humana*, *Origens do totalitarismo*, *Entre passado e futuro*, parte de sua formação estará presente, como sua filosofia. É no âmbito filosófico e político propostos por Hannah Arendt que este trabalho está baseado, onde a pretensão é entendermos o que é a política e como ela pode contribuir para a liberdade na autora. Por fim, nos voltaremos para compreender qual a contribuição do pensamento político de Arendt para uma sociabilidade contemporânea, refletindo sobre um conjunto de ações que proporcione processos formativos focados na consolidação de conhecimentos e valores capazes de tornar os indivíduos aptos a exercerem seus papéis como cidadãos. A presente pesquisa utiliza-se de uma metodologia fundamentada no método de pesquisa bibliográfica com o objetivo de analisar os conceitos a partir das obras citadas. Partindo de uma análise qualitativa a partir dos principais especialistas e comentadores das obras estudadas disponíveis em língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Liberdade, Hannah Arendt.

ABSTRACT: The purpose of this research is to examine some aspects of Hannah Arendt's philosophy as a contributor to contemporary political thought, taking into account the crises faced by societies and the need to think about public action from Arendt's perspective, mainly in the area of mobilization of individuals. For this, it was necessary to study his main works: *The human condition*, *Origins of totalitarianism*, *Between past and future*, part of his training will be present, like his philosophy. It is in the philosophical and political context proposed by Hannah Arendt that

¹ O presente artigo é parte da pesquisa finalizada publicada como TCC na Universidade Estadual do Ceará sob o título "Educação Republicana: Reflexões a partir do Pensamento de Hannah Arendt".

² Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). ORCID <https://orcid.org/0000-0003-2605-1159> . E-mail: sara.moura@aluno.uece.br .

³ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Professor Permanente do PPGFIL/UECE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0830-6349> . E-mail: vicente.brazil@uece.br .

Revista Interdisciplinar

this work is based, where the aim is to understand what politics is and how it can contribute to the author's freedom. Finally, we will turn to understanding the contribution of Arendt's political thought to contemporary sociability, reflecting on a set of actions that provide training processes focused on consolidating knowledge and values capable of making individuals capable of exercising their roles as citizens. This research uses a methodology based on the bibliographic research method with the objective of analyzing the concepts based on the works cited. Starting from a qualitative analysis based on the main experts and commentators of the studied works available in Portuguese.

KEYWORDS: Education; Policy; Hannah Arendt.

1. INTRODUÇÃO

A episteme da palavra política deriva do grego “*politikós*” (*polis*), que significa tudo o que se refere a cidade, público, social, ou seja, os cidadãos⁴ tinham o poder de serem ouvidos em praças públicas e assim ser feita a democracia. Parte do presente capítulo fora inspirado a partir do livro “o que é política?” que é uma obra de fragmentos compilados, que foram reunidos por Ursula Ludz na forma de livro. Na segunda guerra, no século XX, as pessoas não compreendiam que eram seres políticos, encontravam-se no achismo que a política nada tinha a ver com suas vidas ou que não podiam ser ouvidos, em contraste como era na antiga polis. Sendo assim, o termo “política” foi coisificado a partir de suas vivências, a partir do contexto de guerra que viveram em um estado totalitário⁵.

Segundo Arendt, “a política trata da convivência entre diferentes. Os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essenciais num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças.” (Arendt, 2002, p. 7) a política se baseia na pluralidade dos homens, cada singularidade que os indivíduos possuem formam uma pluralidade, sem singularidade não há pluralidade. Por que pluralidade? Porque a política existe na diferença, mas temos objetivos em comum, com isso, a forma que temos de organizar nossos objetivos em comum é através da política.

⁴ Cidadãos, ao qual o texto se refere, eram homens aristocratas pertencentes a uma elite grega.

⁵ Um regime de natureza totalitária volta-se para organizar massas de indivíduos atomizados e isolados, oriundos de processos da diluição das classes sociais, por sua vez, são aqueles a serem mobilizados pela orquestração da propaganda. O objetivo da propaganda não é persuasão pela discussão e pelo argumento, é o da acumulação da força de organização das massas. Baseia-se na ideologia, literalmente concebida como lógica de uma ideia a realizar que prescinde de antenas voltadas para captar os dados da realidade. A ideologia tem como função desvendar com suas ficções processos em andamento de conspirações, que seriam impeditivos da expansão do poder. (Lafer, 2022, p. 280)

Revista Interdisciplinar

Há uma aquiescência com Fernandes quando em suas palavras assevera o que é política para Arendt, e que essa política está ligada a uma realidade prática envolvendo dois juízos: a ação e o discurso, pois ambos apenas se constituem em um espaço público. De acordo com Fernandes: “Seu entendimento da política como uma realidade prática que só pode ser efetivada no espaço comum de igualdade e pluralidade humana, possibilitando o aparecimento da singularidade de cada indivíduo livre por meio da ação e do discurso.” (Fernandes, 2022, p. 162).

Esses juízos ação e discurso citados pelo autor, são precedentes da condição humana, da ação política. A ação também tem como característica a pluralidade, na qual indica uma dupla face da política: a igualdade e a diferença. Um exemplo, são os seres humanos que são iguais apenas por conta da espécie e pela sua comunicação própria, no entanto, são diferentes pois falam sobre si próprios, onde apresentam sua singularidade. Através do discurso e da ação podem se distinguir uns dos outros pois essas são atividades que dependem da iniciativa própria de cada indivíduo. (Teles, 2022, p. 19).

2. POLÍTICA E LIBERDADE EM ARENDT

Correndo na direção contrária dessa visão de política para a autora, estão as investidas de padronização da ação e da liberdade humana, por conta dessa substituição sucedeu nas duas principais revoluções modernas um dos principais erros cometidos pelos homens, pois confundiram o bem-estar privado com a libertação das necessidades. Arendt assevera em seu livro, o fato de que com a revolução industrial o homem se sentiu dono do mundo, dono da natureza, sentiu-se onipotente e onipresente. Esse pensamento mais renascentista, obviamente deu um impulso para o homem se colocar no centro do universo e fazer o que bem entende.

É perceptível como a autora dá uma ênfase que embora a política seja um meio para alcançar a liberdade e a vida, ela possui limitações que por sua vez, negam a política. As leis, por exemplo, podem aparentar limitações para a política pois, servem para as fronteiras serem respeitadas, dentro de cada país existem constituições e quando o indivíduo vai contra uma lei é como ele se deslocasse de uma fronteira. Mas para a autora a lei consiste em preservar o mundo para os recém-chegados, toda lei cria, antes de mais nada, um espaço no qual ela vale, e esse espaço é o mundo comum em que podemos mover-nos em liberdade (Arendt, 2002, p. 49)

Revista Interdisciplinar

Em outro âmbito, Arendt vai tratar das revoluções, como assevera Marx (2012, p. 98) “revoluções são a locomotiva da história”, mas o que seriam as revoluções se não uma disputa de poder, assim como numa guerra? Ninguém faz revolução sem medir força, sem medir poder. Em concordância com Tassin, no que tange a ação revolucionária, o filósofo a considera dupla:

Ela derruba o antigo regime e instaura uma nova ordem, ou seja, libera do antigo julgo e funda um espaço de liberdade: libertação e fundação. Mas ela se encontra confrontada com três problemas: uma violência inevitável, uma autoridade incapaz e um futuro indeterminável. (Tassin, 2016, p. 115)

Dessa forma, para Arendt tudo que está em consonância com a violência, enquanto fenômeno marginal bloqueia a ação da liberdade política, embora seja imprescindível o ato revolucionário, não obstante é importante salientar que em sua maioria, as revoluções sempre tiveram em seu principal objetivo a liberdade, ainda que houvesse o ato violento.

Ainda falando do conceito de liberdade, em seu livro *A condição humana* (1958), a autora versa um conceito de liberdade, no início ela discorre que a política trata da liberdade humana. Se há porventura um eu primariamente livre em nós mesmos, ele certamente jamais aparece de modo claro no mundo fenomênico e, portanto, nunca pode se tornar objeto de verificação teórica. (Arendt, 2016, p. 144). Logo, se existe um eu livre dentro do sujeito ele não é representado no mundo fenomenológico. Já que ele não aparece no mundo fenomenológico ele não pode ser verificado cientificamente falando, ou não pode ser testado.

Para nossa autora, é importante frisar que essa liberdade versa sobre o aparecer, no espaço público, que é quando chegamos a um novo conceito de Arendt: o espaço público. Que por sua vez, a realidade da esfera da aparência depende da percepção de uma pluralidade de espectadores, à qual a existência do domínio público está condicionada (Chaves, 2022, p.142). Ou seja, esse público, apenas se denomina público, por conta dos indivíduos que nele habitam com suas devidas pluralidades e essa pluralidade também só pode ser exercida, por meio desse espaço público (Dias Barreto, 2021).

Arendt faz uma dicotomia na definição do que é público, sendo que na primeira instância espaço público se denomina um lugar onde tudo que é público pode ser visto e ouvido por todos, por sua vez, tudo que é público tem a capacidade intrínseca da visibilidade. O segundo, se relaciona mais com o conceito inerente ao significado de público, esse espaço que dividimos com os demais

Revista Interdisciplinar

seres humanos, não pode ser confundido com o planeta terra, por exemplo, já que ele não é natural, foi construído pelo homo faber, a saber, ele é um produto do artefato humano. Afinal nosso senso de realidade está interligado ao que vemos, a existência de um domínio público.

Depois nos deparamos com o aparato político em relação a liberdade, para a política a liberdade é essencial, sem liberdade não existe política. Quando a liberdade é retirada do campo da política e colocada num campo metafísico ou em outros campos do conhecimento ela é distorcida, pois para Arendt o campo original da liberdade é a política. Quando a liberdade é colocada na esfera dos problemas humanos em geral, no domínio interno, o sujeito mesmo pode inspecionar, pode observar a liberdade e refletir pra ver se ela existe ou não ou se o mesmo concorda ou não, quando esse impasse é realizado, a liberdade é distorcida.

Para provar que a liberdade é necessária para a política ela diz que ação e política são as únicas coisas que não poderiam acontecer se não houvesse liberdade. Assim é importante frisar que quando Arendt fala de liberdade ela não se refere a uma liberdade interior, visto que ela não tem manifestação política, ela não tem manifestação externa, por isso ela seria apolítica. Pois essa liberdade interior está posta em um espaço íntimo, que é para onde o eu “foge” para se sentir livre, livre das obrigações seja homo faber ou animal laborans. Daí ele foge para esse espaço interior.

A liberdade na política, é excepcionalmente valorosa porque ela produz consciência no eu, da existência da liberdade no relacionamento com outras pessoas e não no relacionamento com nós mesmos. Para que essa liberdade possa se mostrar é necessário que exista um espaço público que é um espaço de pluralidade entre os sujeitos (entre-homens), necessário ao aparecimento do quem de cada indivíduo; logo, o aparecimento da singularidade só se efetiva por meio da liberdade, no espaço de pluralidade dos sujeitos.

No credo liberal, quanto menos política mais liberdade, há uma distinção entre política e liberdade, contrária ao pensamento de Arendt, onde a liberdade está na política. Para os liberais a finalidade da política é garantir a segurança, pra que nessa segurança haja liberdade, e liberdade pros liberais são as atividades que ocorrem fora do campo político, que são as chamadas liberdades negativas, em contraposição as liberdades positivas que acontecem no âmbito da política, isto é, do espaço público.

Revista Interdisciplinar

Por fim, Arendt fala da liberdade antes da modernidade, que para os súditos, a liberdade era separada de qualquer participação do governo, liberdade para eles seria o direito à vida e seus bens privados, liberdade pros súditos seria não partilhar com o governo (De Almeida, 2023).

3. Conceito de natalidade: Revolução e Totalitarismo

Segundo Eccel, para a Arendt o conceito de natalidade está ligado a capacidade dos indivíduos de criar coisas novas no mundo, de serem iniciadores de um mundo totalmente novo, “possibilitada pelo nascimento no qual é permitido ao homem escolher como deseja apresentar-se a si mesmo e ao mundo e agir, isto é, nascer novamente por atos e palavras.” (Eccel, 2022, p.261). O que está totalmente ligado a metáfora já utilizada neste trabalho, dos estudantes serem protagonistas de um novo mundo, com um corpus político.

Natalidade está ligada ao segundo nascimento, quando o indivíduo se percebe um ser político, nasce outra vez por meio da liberdade sempre com o propósito de afirmar a capacidade fundamental humana, qual seja, a de gerar o novo, de construir a partir do natural um outro que carregue consigo as marcas da coletividade, a partir da existência de um mundo comum e compartilhado, isto é, de um mundo propriamente político.

Devido a natalidade ocupar um lugar de grande relevância na obra de Arendt, logo, inicialmente, ela deve ser compreendida por meio do fenômeno da revolução. A revolução que no século XX apresentava e, certamente hoje ainda apresenta, um conceito polissêmico interligado a um emaranhado de significados, muitas vezes relacionados a golpes de estados, rebeliões e revoltas e o ato de fazer revolução é diferente de tudo o que está associado. Ainda existem outros termos no qual o conceito de revolução é associado, alguns exemplos como: guerras, marxismo, comunismo, questão social e igualdade. No entanto todos esses termos citados não estão necessariamente interligados a revolução ou bem definidos.

Em acordo com as palavras da autora, revolução tinha apenas um significado astronômico, no qual denominavam o movimento de cíclico de planetas e estrelas e não possui qualquer ligação com atividades humanas. Políbio que foi o primeiro pensador a tratar revolução como metáfora de um movimento no campo da política. A anaciclose⁶ indicava que as formas de governo se repetiam

⁶ Um sistema cíclico das formas de governo existentes nos Estados.

Revista Interdisciplinar

em um ciclo de recorrência eterna e irresistível, da mesma forma que o movimento cíclico dos astros (Arendt, 2011, p.65). A primeira vez que revolução foi associada ao campo político foi na Revolução Gloriosa (século XVII). Ela estava próxima da concepção de anaciclose: o termo revolução indicava a reivindicação do povo inglês de retornar a uma forma de governo preestabelecida e anterior (Rubiano, 2022, p. 392).

Já no século XVIII foi dado um novo significado a revolução, ela já não significava apenas restauração, mas agora passaria a significar fundação de um novo corpo político, uma criação de uma instituição jamais tida antes e essa instituição deveria garantir liberdade política, isto é, a participação do povo no âmbito político, no governo.

Por conseguinte, a autora vai fazer uma análise minuciosa para chegar à conclusão que revolução não pode ser definida unicamente por causa de guerras ou de revoltas, mas como algo novo, ela até diferencia revolução de revolta. Enquanto a revolta visa libertação, a revolução visa liberdade.

Estamos em consonância com Rubiano, uma vez que a revolução consiste num fenômeno político que jamais poderá ser símbolo de uma mudança na estrutura social⁷, já que no olhar arendtiano a política não é um meio para mudar a sociedade, mas seu principal objetivo é a liberdade:

Uma vez que revolução consiste num fenômeno político, ela também não pode ser definida como mudança na estrutura social pois a ação política não é um simples meio ou instrumento para mudar a sociedade. Na perspectiva arendtiana, a política não possui um objetivo externo, seu sentido é a liberdade [...] (Rubiano, 2022, p. 393)

Essa liberdade citada neste trecho refere-se a liberdade política, já que para Arendt existem três tipos de liberdades, todas distintas, mas sempre em complemento da outra. Liberdade filosófica, ligada a atividades do espírito, mais notadamente a vontade; libertação ou liberação vinculada a liberdade de movimento e a liberdade política, designada a razão do ser [...] (Dias, 2022, p. 213). Nessa liberdade política engloba o contexto de natalidade, voltada para a liberdade para com a política, para criar um espaço de pluralidade. Em suma, a natalidade se detém do início

⁷ Quando mencionamos a questão social em Hannah Arendt, ela está interligada as condições de vida das pessoas na época da revolução industrial. Ela vai fazer essa distinção entre o social e o político, sendo que o social o relevo dado por Arendt à importância política da libertação da miséria como pré-condição para a liberdade política.

Revista Interdisciplinar

imane do sujeito, com um poder inesperado de criar experiências sejam elas mais próximas de uma revolução ou sejam elas mais voltadas para o totalitarismo (Pereira, 2019).

A natalidade traz consigo a necessidade da ação, dentro desta circunferência da ação está o conceito de imprevisibilidade e irreversibilidade, que permeiam a novidade da natalidade. Em suma, o que simboliza a iniciativa humana é a ação, ela faz com que a história carregue consigo inúmeros eventos e processos ininterruptos. Na citação de Arendt podemos ver o ponto primordial do significado de ação para a autora, a saber: “à vida sem discurso e sem ação [...] está literalmente morta para o mundo; deixa de ser uma vida humana, uma vez que já não é vivida entre os homens” (Arendt, 2016, p. 227). Ou seja, no sentido mais geral do termo, sua definição está interligada a tomar iniciativa, para agir ou para iniciar algo. Cada ação afirma a singularidade do indivíduo, mas, simultaneamente, reafirma as condições humanas, sobretudo a pluralidade, ou seja, “a ação tanto depende da pluralidade quanto a afirmar, pois, ao agir, o indivíduo confirma sua singularidade e aparece a outros indivíduos únicos” (Correia, 2006, p. 336).

Quando Arendt fala da irreversibilidade, ela se ocupa a tratar de como os efeitos de nossas ações são incontrolláveis, no sentido de não termos domínio absoluto de nossos próprios atos e ações. Isto é, após desencadear o ato, não há como prever as consequências que ele irá gerar, não há como saber se seus resultados serão benéficos ou maléficos, ou ainda mais, se as consequências que ele trará poderão ser contidas, para a irreversibilidade, a autora assevera que seu remédio é o perdão. Como afirma a autora: “O perdão é a única reação que não re-age [*re-act*] apenas, mas age de novo e inesperadamente, sem ser condicionada pelo ato que a provocou e de cujas consequências liberta, por conseguinte, tanto o que perdoa quanto o que é perdoado [...]” (Arendt, 2016, p. 280)

Em contrapartida, nós temos a imprevisibilidade, uma imprevisibilidade onipotente, já que não há meios de medir seus alcances, sejam imediatos ou a longo prazo, podemos observar a fragilidade dos pactos e relações humanas, neste caso se o homem pode agir, espera-se dele o inesperado, que fuja de qualquer possibilidade de controle. Para a imprevisibilidade a autora afirma que seu remédio é a promessa. A imprevisibilidade, que o ato de fazer promessas dissipa ao menos parcialmente, tem dois modos próprios de se manifestar: “decorre ao mesmo tempo da obscuridade do coração humano, ou seja, da inconfiabilidade fundamental dos homens, que jamais podem garantir hoje quem serão amanhã [...]”. (Arendt, 2016, p.282) sendo assim o único meio de

Revista Interdisciplinar

suprimir os limites impostos pelas condições da ação, o irreversível e o imprevisível, é por meio da faculdade humana de perdoar e prometer.

Ressaltar a imprevisibilidade e a irreversibilidade da história é de extrema importância para Arendt, a partir da emergência do fenômeno totalitário do século XX, esse assunto ganha clareza ao compreendermos seu caráter de oposição a ideologia totalitária (Pereira, 2019). Como já fora citado, devido a natalidade manifestar o início imanente de todo sujeito, ela tem o poder imprevisível de criar experiências que caracterizam um período de perversão da natalidade política e por conseguinte a obliteração de toda a autenticidade humana.

Em seu livro *As origens do totalitarismo*, a autora aborda como a morte do eu político ocorre e como os passos de um regime totalitário se instauram. Primeiro mata-se a pessoa jurídica; segundo o assassinato da pessoa moral; por fim o óbito da identidade única do indivíduo. Esses três passos são o clímax do regime totalitário, a instauração do terror para ter controle, que procura estabilizar os homens a fim de ficarem reféns das forças da natureza ou da história. “Se a legalidade é a essência do governo não tirânico e a ilegalidade é a essência da tirania, então o terror é a essência do domínio totalitário” (Arendt, 2012, p. 618). O nazismo, por exemplo, ultrapassava uma força ultra dimensional, enquanto movimento histórico, pois onde passava arrastava consigo cada indivíduo que banalizava o mal, em contrapartida coisificava cada ser que estivesse em oposição, ou não fizesse parte dos critérios assim exigidos dessa ideologia monstruosa.

O conceito de natalidade e liberdade está muito bem interligado, quando parte dessa natalidade tem a liberdade escolher seguir uma política voltada para a morte e destruição, e nessa ótica a liberdade não é mais um dom humano, mas é transformada numa arma colossal de força natural ou histórica. A transgressão da liberdade é justamente quando deparado com conceitos distorcidos da política e da própria liberdade, quando se organizam politicamente para praticar genocídio, como um Frankenstein, seus pensamentos são produzidos por fragmentos instaurados de uma ideologia da monstruosidade que seguem sem pensar, nisso há uma forte ausência de pensamento, uma irreflexão.

O signo da faculdade da ação anda estreito ao conceito de natalidade aqui explicado por Arendt, assim como o signo do regime totalitário anda de mãos dadas com o terror implantado. “Os habitantes de um país totalitário são arremessados e engolfados num processo da natureza ou

Revista Interdisciplinar

da história para que se acelere o seu movimento; como tal, só podem ser carrascos ou vítimas de suas leis inseparáveis” (Arendt, 2012, p.520).

O livro *A condição humana* foi uma resposta a origens do totalitarismo, a autora descreve o fabricar e o agir como atividades humanas que constituem o mundo humano, entretanto, são abaladas no momento que elas perdem seu próprio espaço. O conceito de *amor mundi* seria a resposta de Arendt a essas atrocidades, frente a desumanização de pessoas, vale ressaltar que essa não é uma solução pragmática para todas as anomalias contidas na sociedade e tão pouco seria uma fuga da realidade ou um fechar de olhos diante dos fatos. Mas a autora deixa explícito que o *amor mundi*, citado em seu livro, não tem a ver com um sentimento amoroso, pois como já fora citado, sentimentos dizem respeito a vida íntima, com o interior, dessa forma ele não vai pertencer ao mundo comum. As origens da contingência aqui citadas por Arendt remetem a uma escassa pluralidade encenada pelos desvios do pensar, propostos por uma ideologia do terror. O *amor mundi*, que em sua significância traz o que a autora chama de ação pelo mundo comum, por meio da pluralidade como um meio para chegar as revoluções.

Nas palavras de Arendt: “A única capacidade do espírito humano que não precisa do eu nem dos outros nem do mundo para funcionar sem medo de errar, que é independente tanto da experiência como do pensamento, é a capacidade do raciocínio lógico.” (2012, p.637) Quanto ao preparo dos carrascos, eram feitos da seguinte maneira: não se pode falar “A” sem falar “B” ou “C”. Logo, toda a ideologia espalhada pela monstruosidade do Hitler, mesmo os carrascos não podiam concordar só com um pensamento elaborado por essa ideologia, tinha-se que reafirmar a consagração da maldade. E fica um questionamento, a maldade estava no pensar ou nos desvios do pensar?

Em seu livro a condição humana, Arendt vai tratar no início da expressão por ela denominada *vita activa*, com isto a autora pretende designar três atividades humanas fundamentais: trabalho, obra e ação. São atividades fundamentais pois cada uma delas corresponde, cada qual a condições básicas mediante a vida do homem terreno. A primeira delas é o labor que consiste no processo biológico do corpo humano, toda a espontaneidade e crescimento, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida. “A condição humana do labor é a própria vida” (ARENDR, 2016, p.7). A obra

Revista Interdisciplinar

elabora um mundo artificial e supérfluo de coisas, distinto de qualquer ambiente social, e esta, por sua vez, é a atividade que corresponde ao artificialismo da existência humana.

Em síntese, tendo a ação como a gênese da condição humana da pluralidade, segundo Arendt 2016 (p.66) “a ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde a gênese da condição humana da pluralidade, a saber, não apenas a *sine qua non*, mas a *conditio per quam* de toda vida política.”

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do debate aqui apresentado, pode-se compreender como os conceitos de política e liberdade estão entrelaçados em Arendt e, para entender como a essa se filia ao pensamento da autora, certamente é preciso entender sua relação com a aquela. Para além disso, buscamos no pensamento de Arendt um método republicano ou uma postura republicana que possibilite a superação das crises políticas e sociais de nosso tempo.

Essa compreensão mais republicana da sociabilidade implica a construção de formas e mecanismos sociais garantidores de uma participação emancipada e horizontalizada dos indivíduos, fatores que se revelarão fundamentais para o fomento de uma política que rompa com a lógica totalitária – muitas vezes explícita e/ou implícita em vários dispositivos sociais.

A pluralidade, como manifestação histórico-política da diferença, é um componente fundamental para o estabelecimento de formas políticas produtoras de liberdade. Para Arendt o pluralismo de ideias não é perigoso, o risco sempre está na ascensão homogeneizantes de formas opressoras de poder.

Foi apresentado um conjunto de questões muito presentes na filosofia de Arendt, como o totalitarismo, revolução, política e todos os percalços que esses processos ocorrem para o desdobramento de uma *vita activa* de qualidade. Demonstrou-se que a liberdade só existe na política e vice-versa, dentro da liberdade e da política nós encontramos a pluralidade, na qual só pode ser exercida por meio do espaço público, que também é inerente a política e consiste na liberdade. Consideramos, assim, dois fatores importantes em sua obra, a imprevisibilidade e a irreversibilidade da ação, tendo o perdão e a promessa como remédios.

Revista Interdisciplinar

Na perspectiva de trabalhos futuros, pretende-se compreender a interseccionalidade entre Educação e Republicanismo dá-se no pensamento de Arendt – campo de pesquisa pouquíssimo explorado na literatura em língua portuguesa – com o objetivo de produzir novas colaborações para a pesquisa no pensamento de Arendt, especificamente, no campo da formação de cidadãos críticos e reflexivos.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **A condição humana**. Trad. R. Raposo; revisão técnica A. Correia. 13. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

ARENDDT, H. **Entre o Passado e o Futuro**. Trad. M. W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ARENDDT, H. **O que é política?** Trad. R. Guarany Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ARENDDT, H. **Origens do Totalitarismo**. Trad. R. Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

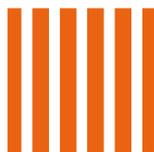
ARENDDT, H. **Sobre a Revolução**. Trad. R. Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHAVES, R. Espaço público. In: CORREIA, Adriano [etal]. **Dicionário de Hannah Arendt**, 1º ed. São Paulo. Edições 70, 2022.

CORREIA, Adriano (org.). **Hannah Arendt e a condição humana**. Salvador: Quarteto, 2006.

DE ALMEIDA, S. O. . O Sentido da política e a Crítica aos Direitos Humanos segundo Hannah Arendt. **Kalagatos** , [S. l.], v. 20, n. 2, p. eK23035, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/9992>. Acesso em: 5 jul. 2024.

BARRETO DIAS, L. . CARACTERÍSTICAS E DECLÍNIO DA ESFERA PÚBLICA SEGUNDO HANNAH ARENDT. **Polymatheia** - Revista de Filosofia, [S. l.], v. 6, n. 9, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/6472>. Acesso em: 5 jul. 2024.



Revista Interdisciplinar

DIAS, L. B. Liberdade. In: CORREIA, Adriano [etal]. **Dicionário de Hannah Arendt**, 1º ed. São Paulo. Edições 70, 2022.

ECCEL, D. Natalidade. In: CORREIA, Adriano [etal]. **Dicionário de Hannah Arendt**, 1º ed. São Paulo. Edições 70, 2022.

FERNANDES, A.B. Felicidade Pública. In: CORREIA, Adriano [etal]. **Dicionário de Hannah Arendt**, 1º ed. São Paulo. Edições 70, 2022.

LAFER, C. Origens do totalitarismo. In: CORREIA, Adriano [etal]. **Dicionário de Hannah Arendt**, 1º ed. São Paulo. Edições 70, 2022.

PEREIRA, S. S. TOTALITARISMO E DESUMANIZAÇÃO: o ser humano privado de direitos fundamentais em Hannah Arendt. **CADERNOS CAJUÍNA**, v. V.4, p. 160-172, 2019.

RUBIANO, M, M. Revolução. In: CORREIA, Adriano [etal]. **Dicionário de Hannah Arendt**, 1º ed. São Paulo. Edições 70, 2022.

TASSIN, E. Como continuar o que inicia: a tripla aporia revolucionária. **Cadernos de Filosofia Alemã**, v. 21, n. 3, pp. 111-122, 2016.

TELES, E. Ação Política. In: CORREIA, Adriano [etal]. **Dicionário de Hannah Arendt**, 1º ed. São Paulo. Edições 70, 2022.

